

OS QUATRO ESPANTOS DE DEBRET

Maria do Rosário Abreu e Sousa

Em nossa sociedade, onde o ser-homem e o ser-mulher são marcados por diferenças estabelecidas por um sistema sócio-cultural bastante opressor, que continua a privilegiar o ser-homem, as mulheres negras e pardas são mais duramente discriminadas, uma vez que oriundas em sua grande maioria das classes sociais menos privilegiadas, sofrem uma tríplice discriminação: de classe social, de gênero e de etnia. Tal situação requer ações sociais: políticas de reparação, discriminação positiva e outras ações semelhantes, que provocam acalorados debates, muitos deles veiculados pela mídia.

A arte obviamente não poderia se furtar a essa discussão. Do diálogo entre o conto *Um livro entre as mãos*, do escritor contemporâneo Assis Brasil, o quadro “Uma senhora brasileira em seu lar” do pintor Jean Baptiste Debret e o samba-enredo O rei e os três espantos de Debret, de autoria de Olivério, Medeiros, Wilsinho, Fabrino, Portugal, Bernardo, Gilberto e João Sérgio, pode-se extrair conteúdos bastante significativos para reflexões acerca da dialética inclusão/exclusão social.

O rei e os três espantos de Debret é o título do samba-enredo que a escola de samba Unidos do Viradouro apresentou no carnaval carioca de 1995, cujos versos relatam três fatos que surpreenderam o pintor francês em três épocas diferentes, e introduzem nossas reflexões acerca do que poderia ser o quarto espanto de Debret.

*Que felicidade !Eu vim da França convidado pelo rei
Eu trouxe a arte e me espantei maravilhadoQuando aqui um paraíso
encantado encontreiÍndios, brancos e negrosEm harmonia racialRealçando
a natureza deste país tropical
Todo o encanto em poesia, oi ...Traduzi nos meus painéis, (eu pintei)Pintei,
bordei, aquarelei,Coloquei amor nos meus pincéis
Iluminado parti,No céu fui descansar
Tempos depois em Paris renasciUm triste espanto me fez lamentarNotícias
más, de homens maus,Perturbando a paz, criando o caos ...Voltei, o que
havia ?Desigualdades da evolução
Quando um grito de alegriaPrenuncia a nova civilizaçãoBrasil, Brasil,
Brasil ô ô É campeão !! É campeão !!
Vai raiar o dia,O meu terceiro espanto aconteceuEu sou Debret, a minha
arte é fantasiaExplode Viradouro, o carnaval sou eu.*

O primeiro espanto do pintor francês ao chegar ao Rio de Janeiro foi a “harmonia racial“. Mas, como já ensinara Aristóteles ao formular a teoria do conhecimento, a primeira impressão sempre é falsa. Conhece-se verdadeiramente um objeto somente após realizar-se a análise e a síntese desse objeto.

Debret, certamente após procedimentos de análise e síntese, concluiu que a sua primeira impressão, ou seja, a “harmonia racial” era falsa: eis o segundo espanto.

O terceiro espanto poderia ser interpretado como a celebração da fusão Debret-carnaval, arte erudita e arte popular, ambas tecendo representações do Brasil e dos brasileiros.

Pintor oficial da corte portuguesa que desembarcou no Brasil em 1808, Jean Baptiste Debret, de nacionalidade francesa, pintou cenas do cotidiano brasileiro, que posteriormente foram publicadas sob o título de *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Pertence a essa coleção, a gravura “Uma senhora brasileira em seu lar”.



Representação da interação entre a dona de casa de uma família abastada da primeira metade do século XIX e seus escravos, a gravura revela muito dos hábitos daquela época, como a presença dentro de casa de animais silvestres domesticados, a mistura de vestimentas européias e africanas e o uso de objetos de palha, como esteiras e cestos.

O fundo azul-celeste poderia sugerir a “harmonia racial“, que segundo a letra do samba-enredo, surpreendeu o artista francês. Entretanto, a harmonia celestial evocada pelo azul, tal qual o nome da mais famosa das praças chinesas, a da Paz Celestial, disfarça um cenário de opressão, que se pode inferir pelo chicote dentro do balaio de costura da dona da casa, estrategicamente colocado à direita, bem ao alcance de sua alva mão.

À maneira de uma pirâmide social, na base estão sentadas as duas negras: uma bordando, e a outra confeccionando uma longa renda. Aquela que borda, veste um vestido negro de cintura alta, estilo império, tem o cabelo preso em um coque e usa colar e brincos brancos, sugerindo pérolas. Já a outra negra tem o busto desnudo, os cabelos curtos rente à cabeça, e parece usar uma vestimenta africana. Entre as duas, dois bebês negros engatinham

enquanto brincam com uma laranja. Um dos bebês está nu, enquanto o outro está vestido com uma roupa ornamentada com um grande laço nas costas.

No meio da pirâmide imaginária estão dois jovens escravos, ambos vestidos de branco, à moda ocidental. Ele, negro, carrega uma bandeja com dois copos. Já a menina, mulata, está sentada em uma cadeira, lendo um abecedário. Embora ocupantes da camada intermediária da pirâmide social imaginária, o rapaz está bem acima da jovem mulata, quase que chegando ao vértice, o que pode sugerir o enorme grau de opressão, na visão de Debret, a que as mulheres, brancas, negras ou mestiças estavam submetidas.

No topo da pirâmide, encontra-se obviamente a dona da casa, de pele muito branca, negros cabelos presos em um coque elaborado, usando um rico vestido vermelho, xale azul e vistosa jóia de ouro a ornamentar-lhe o colo.

Inspirado nessa gravura, nasceu o conto *Um livro entre as mãos*, de autoria de Luiz Antonio de Assis Brasil, conto este que se inclui na categoria de metaficção historiográfica.

Releitura pós-moderna do romance histórico do século XIX, a metaficção historiográfica tem dois objetivos fundamentais: “requestionar as versões tradicionais da identidade colectiva e ao mesmo tempo tornar semióforos os espaços brancos do passado ignorados até aí pelo discurso histórico oficial]”(Caragea, acesso em 03 maio 2009).

Arte paródica, mas sobretudo didática, a metaficção historiográfica força o leitor a um papel ativo na produção dos sentidos. Entre o horizonte das histórias oficiais e a história possível criada pelo escritor, abre-se um mundo de possibilidades, o que permite ao leitor não apenas questionar as diversas escrituras do passado, mas também participar da releitura/reescrita da história. (Gadamer, 1976 p.148).

Um livro entre as mãos conta a história de Maria Eulália, a menina retratada com o abecedário entre as mãos, filha bastarda do dono da casa, o comerciante português José Mendes. Todavia, não era um abecedário, e sim um livro que Maria Eulália tinha em suas mãos, livro este substituído por um abecedário a pedido do próprio José Mendes, pois

– *O senhor sabe... ela é minha filha. Digamos assim, mas não é filha de minha mulher. É filha de uma escrava. Essa gente não pode aprender a ler.*
– *O homem abanava-se. – E eu quero pendurar isso na parede de minha sala, ao menos por um tempo. E meus vizinhos podem reparar que eu tenha mandado ensinar a uma filha de escrava.* (ASSIS BRASIL, 2006 p.33)

Fica evidente, no trecho acima, a opressão a que estavam submetidas as mulheres negras, “acusadas pela moral da época de serem as causadoras de transgressões sexuais de colonos. Na verdade essas mulheres eram submetidas aos colonizadores e ainda

responsabilizadas pelos desvios provocados pela escravidão” (PASCAL e SCHWARTZ, 2006, p.137).

Dessas práticas abusivas do período colonial, emergem esteriótipos e estigmas que empurram a mulher negra para uma posição de inferioridade.

Aqui se coloca outro tema de violência de gênero – o assédio sexual. Embora tratado como debate novo em nossa sociedade, este tipo de relação como já vimos anteriormente, faz parte da tradição cultural que vem se perpetuando até os nossos dias. A prática impunemente tolerada de utilização de mulheres negras, especialmente as empregadas domésticas, como objetos sexuais destinadas à iniciação sexual dos jovens patrões ou diversão sexual dos mais velhos. (APUD PEREIRA, BEATRIZ, e NASCIMENTO, MARIA, 2006 P.139)

Entretanto, entre D. Felícia e Maria Eulália, existe a cumplicidade daqueles que se unem - conscientes de sua fraqueza – para enfrentar bravamente o opressor, com as armas da astúcia e da sabedoria, criando códigos inteligíveis apenas entre as duas mulheres.

Na casa do comerciante José Mendes o quadro era uma atração. Um quadro feito pelo próprio pintor da corte. Deveria ter custado uma fortuna, diziam. José Mendes aceitava os cumprimentos. Nem concordava nem negava. D. Felícia, porém, tinha um sorriso oculto, e ao olhar para o quadro, movia enigmaticamente a cabeça. No quadro, Maria Eulália lia um abecedário (ASSIS BRASIL, 2006 p.33).

Quando os visitantes aconselhavam Maria Eulália a não se esmerar muito nos estudos, pois isto não era condizente com uma mocinha, “Maria Eulália escutava os comentários e trocava um olhar com D. Felícia. D. Felícia fazia-lhe um sinal de que não se importasse “(ASSIS BRASIL, 2006 p. 34).

A cumplicidade das duas mulheres já aponta para o desejo latente de a mulher mergulhar no universo do conhecimento e do poder advindo do primeiro, para recuperar sua trajetória através da história, trajetória esta que começaria a ser (re)escrita por exemplo, através da observação de Gilberto Freyre sobre o papel das índias, que também pode ser estendido às escravas, na formação da identidade brasileira. Não mais responsabilizadas pelas transgressões dos primeiros colonizadores, mas reconhecidas pelo papel decisivo que desempenharam na formação da identidade brasileira.

A mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, [...] mas valioso elemento de cultura [...] Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje amante do banho e sempre de pente e espelinho no bolso [...] reflete a influência de tão remotas avós. (FREYRE, G., 1978 p.94)

Única filha do abastado comerciante português, Maria Eulália herdou-lhe os bens, aprendeu francês, espanhol, aprimorou sua escrita com aulas particulares. Hans Friedolin, um alemão muito culto e muito rico também, apaixonou-se por ela e por sua inteligência. Foram viver na Europa, e não tiveram filhos.

Nesse trecho da narrativa de Assis Brasil, emerge o esteriótipo ainda hoje fortemente presente no imaginário das mulheres negras e pardas brasileiras, de que apenas o casamento com o estrangeiro de pele alva poderá incluí-las. A força do estigma sexista e racista, longamente construído no inconsciente coletivo dessas mulheres, talvez ainda precise de muito tempo para ser desconstruído, através de movimentos sociais que discutam e combatam a cidadania de segunda classe, calcada na discriminação de gênero, classe social e etnia.

Tempos depois, em Paris, Maria Eulália reencontra Debret, que, ao reconhecê-la, lamenta não haver retratado a verdade, pois Maria Eulália tinha não um abecedário, mas um livro de geografia em suas mãos. A pequena mulata bastarda brasileira estudava os mapas, lia o mundo, compreendia outros códigos, elaborava os seus saberes através da leitura. Debret sentiu-se impelido a reparar o erro: “enfim, estou reparando uma injustiça – ele murmurou para si mesmo – uma injustiça para com o Brasil” (ASSIS BRASIL, 2006 p. 36).

Maria Eulália jamais retornou para buscar o quadro verdadeiro, aquele que a retratava com o livro em suas mãos.” Debret não se importou. Dizia: - não faz mal, reparei a injustiça.”(ASSIS BRASIL, 2006 p.37)

A recorrência do verbo “reparar” remete a dois aspectos. O primeiro diz respeito às políticas de reparação, às cotas étnicas e sociais, que tanta discussão têm causado na sociedade atual, dividindo a opinião dos especialistas e do público em geral.

O segundo, diz respeito à catarse, ou seja, ao efeito que a obra de arte produz no fruidor, efeito este capaz de conduzi-lo tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique.

Recurso muito empregado na literatura, Graciliano Ramos o utilizou em *São Bernardo*; Guimarães Rosa, no *Grande Sertão: veredas*, e Assis Brasil, em *Um livro entre as mãos*. Ao pintar novamente o quadro, desta vez corrigindo seu erro, legando à posteridade a imagem da mulata bastarda brasileira, culta, que falava francês, espanhol e alemão, que sabia escrever bem, que tinha acesso aos bens materiais e culturais, provoca a catarse no leitor. Entretanto, essa sensação dura pouco. A gravura é arrematada por um colecionador cubano, mas o navio em que este retornava à Cuba naufragou, quando estava prestes a atracar no porto de Havana. “O que valeu desde então e para sempre, foi a gravura publicada. É a que está reproduzida neste livro.” (ASSIS BRASIL, 2006 p. 37).

Após breve momento catártico, como que preparando o leitor para a dura constatação que virá a seguir, o último parágrafo do conto espelha a função social da literatura, expressa nos versos de João Cabral de Melo Neto, para quem a poesia deve fustigar o leitor, incomodá-lo, levá-lo a uma tomada de consciência: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviente, flutual, açula a atenção, isca-a com o risco.” (MELO NETO, 1979 p.40) .

Maria Eulália, atenta e inteligente, mulata bastarda e brasileira, mostra-se como a vemos; em eterno aprendizado, o elementar aprendizado das letras do alfabeto. Quase podemos ouvi-la para sempre balbuciando as primeiras letras” (Assis Brasil, 2006 p. 37).

Este, certamente seria o quarto espanto de Debret ...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. Um livro entre as mãos. In LAJOLO, M. (org.) *Histórias de Quadros e Leitores*. São Paulo: Moderna, 2006.

CARAGEA, Mioara. Metaficção Historiográfica. In CEIA, Carlos. (org.) *E- Dicionário de Termos Literários*. 2005 ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em:<http://www.2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metaficção_historiografica.htm>. Acesso em: 03 mai, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

GADAMER, Hans-Georg. *Verité et Méthode*. Paris: Seuil, 1976.

MELLO NETO, João Cabral de. *Poesias Completas*. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

PASCAL, Maria Aparecida; Schwartz, Rosana. In PEREIRA, B; Nascimento, M. (orgs). *Mulheres Brasileiras: cotidiano, histórias e conquistas*. In *Inclusão e Exclusão: múltiplos contornos da Educação Brasileira*. São Paulo: Expressão e Arte, 2006